

7- Conclusão

Esta dissertação procurou compreender a complexa questão da idéia do bem, tal como é apresentada nas célebres imagens do Sol, da Linha e da Caverna, na *República*, de Platão. A fim de entender detidamente o conteúdo e o significado alegórico de cada imagem, estudei-as separadamente. Ao fazê-lo, confirmei a minha hipótese inicial, de que a idéia do bem permanece incompreensível sem a articulação das três imagens, que se interpenetram e sobrepõem-se, iluminando-se reciprocamente, num jogo dialético de *visão* e *conhecimento*, e cuja unidade é revelada somente pelo esquema geral. Assim, convém reafirmar, conclusivamente, que o fio condutor que liga as imagens centrais da *República* é propriamente a idéia do bem, que confere coesão ao *tríptico imagético*, didaticamente exposto em três partes, mas costuradas por uma única noção que as atravessa e confere sentido único, *o megiston mathema*.

Ao estudar estas imagens, busquei atentar ao limite e à grandeza da linguagem metafórica, que deve ser submetida às constantes explicações de Sócrates sobre o seu sentido, e não dispersada pelas múltiplas interpretações que comportam se consideradas individualmente. Ou seja, a necessária combinação entre elas restringe-lhes o sentido, na medida em que as torna mais precisas e *amarradas*. O uso das imagens na *República* é consciente, cumpre uma finalidade claramente didática, pois visa transmitir um conhecimento que de outro modo não seria compreendido, pelo estágio intelectual dos interlocutores. Sem *homologia*, conceito-chave do capítulo 4, considerada como ponto de interseção comunicativa entre os interlocutores, Sócrates não poderia entreter uma conversa filosófica com Glauco e Adimanto. Convém-lhe mantê-los integrados no diálogo pela compreensão do que se está expondo, sem extrapolar os limites de sua inteligência com teses advindas de uma reflexão anterior, mais detida e elaborada, dialética. Sócrates sabe da dificuldade argumentativa em que se encontra, ao *fundar em logoi a kallipolis*, e, por isso, enfrenta as *ondas, os paradoxos* com a habilidade persuasiva de que dispõe, não se furtando da utilização retórica das imagens, as mais eloqüentes e sugestivas possíveis para o convencimento da veracidade de suas convicções filosóficas.

*Pensador do visual*¹, Sócrates utiliza as imagens filosoficamente, explicando-lhes o significado, alegorizando-as, tornando-as símbolos inteligíveis de um sentido que as transcende. O visível é tomado como metáfora do inteligível, que se torna palpável e imediatamente intuído, sobretudo aos não dialéticos, os *amantes de espetáculo e filodóxos*, não habituados a pensar o uno do múltiplo, as coisas belas, boas e justas em si, as idéias inteligíveis, cuja existência ignoram. Portanto, como diz Pimenta Marques, “não é ‘apesar da’ imagem que é possível pensar, em Platão, mas ‘por causa’ e ‘a partir da’ imagem.”² Pode-se falar, portanto, de um *conhecimento pela imagem*, na *República*, pois há “o reconhecimento da imagem enquanto imagem”, uma reflexão filosófica do sentido da imagem e sua posição na estrutura da realidade. Por isso, a sua utilização é consciente, reflexiva e inteligente³.

O fato de a imagem ser claramente associada à *doxa*, não deve resultar na consideração de que o discurso socrático é auto-refutatório e invalida-se a si mesmo. Esta dissertação tentou provar o contrário, a utilização retórica das imagens demonstra a tenacidade intelectual com que Sócrates busca persuadir os seus interlocutores de que a filosofia, a dialética - enquanto *outro* modo de conhecimento, que se reporta a *outra* modalidade de ser – existe, e que é possível, mesmo que o ignorem os seus interlocutores⁴. Importa-lhe, sobretudo, aludir à *dunamis* dialética, ainda que ele não a atualize plenamente no diálogo. E a dialética perfaz seu *telos* quando atinge a idéia do bem.

A idéia do bem é um princípio de *valor* e de *inteligibilidade*. A intrínseca

¹ Esta expressão é extraída do excelente estudo de MAIATSKY, M. *Platon. Penseur du visuel*. Paris: Harmattan, 2005.

² “o mais instigante é que Sócrates não só pensa por imagens, mas reflete sobre o que elas são e como nos relacionamos com elas, ou seja, como as compreendemos e utilizamos. Mas ainda, por um lado, ele compreende a experiência direta que temos das coisas a partir da relação que temos com as imagens em geral, ou seja, constrói a realidade imediata (sensível e opinativa) como imagem e, por outro, reconhece a presença das imagens na dimensão inteligível, ou seja, na terceira seção da Linha.” MARQUES, M.P. *Aparecer e imagem no livro VI da República*. Em: PERINE, M.(org.) *Estudos platônicos – sobre o ser e o aparecer, o belo e o bem*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 137-165. p.137

³ “Senza una qualche assunzione circa ciò di cui un’immagine è immagine, il ricorso a un’immagine non protrebbe portare da nessuna parte” REPELLINI, F.F. *La linea e la Caverna*. In: VEGETTI, M. (ed.) *Platone. La Repubblica vol.V Traduzione e commento di M.Vegetti*. Bibliopolis, 2003. pp.355-404. p.377

⁴ “Il problema più urgente che deve affrontare il filosofo, anche per difendersi dalla ‘filodossia’ degli altri, non consiste infatti nel dire che cosa sono le idee, ma nel dire che qualcosa come le idee, cioè come l’unità del molteplice, davvero esiste, e nel trovare qualche percorso argomentativo utile a persuadere anche i filodossi. La vera discriminante, insomma, è l’affermazione di esistenza.” TRABATTONI, F. *Il sapere del filosofo*. In: VEGETTI, M. (ed.) *Platone. La Repubblica vol.V Traduzione e commento di M.Vegetti*. Bibliopolis, 2003. pp. 151-186. p.174.

relação entre o *telos*, o *valor* e o *sentido* de um ente foi tratada no capítulo 4, no qual considero o bem *estrutura teleológica da realidade*, o *Sol* que lhe concede inteligibilidade e valor, sobretudo pela clarificação do sentido das *virtudes* na ordem política, tornando-as úteis e vantajosas, belas e *boas*.

Como exposto no capítulo 2, e depois reforçado no capítulo 6, é a questão moral das virtudes que conduz Sócrates à postulação da idéia do bem, como *obra completa* do *rascunho* anteriormente traçado. Frágeis, as definições dianoéticas das virtudes, trazidas no livro IV, são consideradas apenas *esboços* porque desprovidas do fundamento metafísico que lhes confere essência e aporte ontológico, função da idéia do bem. O bem, como o Sol, concede luz metafísica, ser e essência às idéias das virtudes, tornando-as claras aos dialéticos que as buscam. A razão da pesquisa dialética é a necessidade de atingir modelos normativos das virtudes com os quais se possa avaliá-las e praticá-las, instaurando a justiça, na alma e na polis, tanto quanto possível. *A questão da possibilidade de efetivação do modelo noético é antecedida pela questão da verdade deste paradigma inteligível*; e é o bem que assegura a verdade e a normatividade deste modelo, pois ele é o princípio que garante a existência não hipotética dos entes inteligíveis, subtraídos ao devir, ontologicamente estáveis e plenamente conhecíveis.

Primeiro importa assegurar que existe tal modelo, e que ele é verdadeiro; depois urge saber como se pode conhecê-lo. A postulação, firme e enfática, da idéia do bem e da dialética, seu correlato metodológico, é, então, justificada pela *necessidade ético-política* de um fundamento ontológico para o estabelecimento de um padrão normativo seguro e imune ao âmbito incerto das impressões subjetivas, relativas à fugacidade sensível do devir. Em outras palavras, a postulação da idéia do bem, no contexto dialógico da *República*, se dá como meio de comprovar a legitimidade do governo dos filósofos pela afirmação de seu conhecimento epistêmico, em detrimento do *filodóxo* e do *amante de espetáculo* e de seu saber sensível vulnerável, *opinativo*.

Para tanto, Sócrates precisa investigar a estrutura geral da realidade, repartida em níveis ontológicos e seus correspondentes epistemológicos, o que é feito na imagem da Linha, estudada no capítulo 5. Nele, o bem é identificado ao princípio não hipotético de tudo, capaz de fundar as hipóteses, garantindo a solidez epistêmico-ontológica do conhecimento dialético, apresentado no que

difere metodologicamente do modo dianoético de conhecimento, que também alcança entes inteligíveis, mas através de suas imagens. A articulação das analogias da Caverna – na qual se explica que o dialético reconhecerá as imagens após ter conhecido o âmbito inteligível, da verdade, da beleza e da justiça em si – e da Linha – na qual se distingue o pensamento inteligível entre *noesis* e *dianoia*, pelo recurso ou não à imagem – foi essencial para a compreensão da *dianoia*, como uso consciente das imagens, como representação sensível do inteligível. E isto foi fundamental para entender a própria estrutura argumentativa *dianoética* da *República*.

Em um livro cujo tema é a justiça, e o título denota a clara preocupação política, este estudo tentou comprovar o *horizonte essencialmente prático* da investigação socrática, plasmado na noção de *agathon*, com que Platão descreveu a *idéia superior* de seu edifício metafísico. A motivação primeira de Platão é a política, que permanece como pano de fundo para toda a sua obra. E, por ser a questão política a questão sobre o bem (para o homem e para a cidade) (...), toda a obra platônica poderia ser vista como uma pesquisa sobre o que é o bem. O estudo do *corpus* platônico sob a perspectiva do bem e da dialética me motiva a comparar os diferentes contextos em que são postulados, atento às motivações específicas de cada diálogo ao discuti-los. O princípio da autonomia dos diálogos, do contexto dialógico próprio de cada argumentação platônica, perseguido nesta dissertação, é, exatamente, o que permite afirmar a motivação prática, ética e política, da postulação da idéia do bem da *República*, hipótese que solidifiquei com este estudo.

Naturalmente, o âmbito deste estudo é restrito, limitado ao curto lapso temporal de uma pesquisa de mestrado, que, quando próspera, consegue *abrir horizontes de reflexão*, e não se contenta com o verdor de suas primeiras respostas. Estou certo de ter dado um decisivo passo de reflexão sobre o platonismo, mas sei que se trata do começo de um caminho filosófico a ser seguido. A leitura da *República* se revestiu de um sentido ainda mais denso do que já se me afigurava antes; hoje, findo este trabalho, entendo a gravidade com que a acolheu a tradição filosófica ocidental. A idéia do bem concede à *República* uma força especulativa ousada, das mais instigantes da história da filosofia, que, por isso, repercutirá nos pensadores posteriores, inevitavelmente questionados pela magnitude da reflexão platônica.